

ÉTICA E DIREITO NO *FILOCTETES* DE SÓFOCLES: BREVES REFLEXÕES SOBRE O FUNDAMENTO DO *CUIDADO* E DA PROTEÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA¹

Antonio Sá da Silva

Doutorando, Mestre e Especialista em Ciências Jurídico-Filosóficas pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra/Portugal. Professor de Filosofia do Direito, Teoria do Direito, Ética e Hermenêutica Jurídica da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Ex-Coordenador Acadêmico do Curso Noturno da Faculdade de Direito da UFBA. Ex-Pesquisador do Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra. Advogado.

Resumo: O trabalho a seguir é uma adaptação escrita de uma exposição oral na abertura de um seminário ocorrido há algum tempo sobre a proteção legal das pessoas com deficiência física. O objetivo é discutir os fundamentos não somente dessa modalidade de proteção, mas de toda legislação, daí que se reporte à vida ética como possibilidade de uma coexistência social. A narrativa exemplar escolhida é a tragédia *Filoctetes*, de Sófocles, não só porque conta a história de um jovem acometido de uma doença incurável, mas também porque denuncia a vulnerabilidade humana comum e inevitável de nossas vidas. O texto aqui sugere que, antes da lei, precisamos hoje de um novo modo de vida, inspirado na ideia de *Cuidado* que o Escravo Higino formulou.

Palavras-chave: Ética do cuidado; pessoa com deficiência; direitos humanos; *Filoctetes*.

¹ A publicação que agora fazemos tem por base a ligeira intervenção feita numa conferência realizada no seminário intitulado *A proteção Legal das Pessoas com Deficiência Física*, ocorrido no Anfiteatro Prof. Sebastião Trogo, Faculdade de Direito Conselheiro Lafaiete/MG, em 08/06/2006, gravado na ocasião e aqui adaptado para a versão escrita. Isto justifica a opção metodológica adotada que foi a de preservar a exposição oral, ao invés de um trabalho dissertativo mais ortodoxo, o que esses trabalhos intercisciplinares parecem permitir. Duas notas, no entanto, são indispensáveis aqui. A tradução usada para o trabalho foi, quanto à narrativa do *Filoctetes*, SÓFOCLES. *Filoctetes*. Tradução Brasileira Josiane T. Martinez. Campinas: Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas, 2003; quanto à fábula do *Cuidado*, utilizei BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 45-46. Além disto, importa também esclarecer que a exposição foi feita depois de outra, *A inclusão social do portador de deficiência através do esporte*, na qual a autora fazia referência à história dos jogos olímpicos, daí que haja no início desta exposição o pedido de licença para também se referir aos gregos, não do esporte, mas do teatro.

Abstract: The original ideas brought in this paper had exposed some time ago in a conference about legal protection for people with physical disabilities. Its objective is to discuss the foundations of protective legislation. In this way, the ethical life is presented as a possibility of a social coexistence. To improve the discussion, the Sophocles' tragedy Philoctetes was chosen like exemplary narrative, not only because it tells the story of a young man suffering from an incurable disease, but also because he denounces the common and unavoidable human vulnerability of our lives. The text here suggests that, before the law, we need a new way of life today, inspired by the idea of Care formulated by the character slave Higinio.

Keywords: Ethics of care; People with a disability; human rights; Philoctetes.

Sumário: 1. A introdução. 2. Uma ética do cuidado? A narrativa romana do Escravo Higinio e os três desafios atuais do cuidado. 3. O infortúnio de Filoctetes e o testemunho da nossa vulnerabilidade comum. 4. Fragilidades humanas e direito: a necessidade de levar a sério os direitos humanos. A conclusão.

1. A INTRODUÇÃO

“Querida Prof^a Elma Terezinha de Melo, em nome de quem eu cumprimento a direção da FDCL pelo apoio a mais este importante evento que agora podemos testemunhar, e prezado Prof. José Lourdes de São José, em nome de quem cumprimento todos os colegas professores desta casa e que muito têm contribuído para a construção de uma nova imagem de escola jurídica no limiar dos seus novos desafios; prezado aluno Waidd Francis de Oliveira, por meio de quem estendo estes cumprimentos aos demais alunos da nossa faculdade e aos organizadores do evento.

Creio também, na emoção da qual sou tomado por falar a primeira vez neste anfiteatro, ser ocasião para cumprimentar aquele que lhe impresta o nome: o Prof. Sebastião Trogo, o homem humilde e o Diretor corajoso que no exemplo da sua vida e no exercício das suas funções vemos assimiladas

as lições de Guimarães Rosa de que 'Deus é devagarinho' e que 'viver é muito arriscado', experiência esta sem a qual nenhum de nós poderia agora desfrutar da hospitalidade e do conforto que a FDCL hoje pode oferecer à sua comunidade.

Não posso deixar de cumprimentar também a Prof^a. Lucyana de Miranda Oliveira pela brilhante exposição que acaba de realizar e que me obriga, mesmo assim de improviso, a dizer alguma coisa que pelo menos venha abrir outras pistas para a compreensão do tema que este seminário se propôs a debater. E é assim que peço permissão para voltar aos gregos, não para 'vibrar com' ou para 'competir nos' jogos olímpicos que eles bem souberam dar ao mundo, mas para 'sentir' os apelos que SÓFOCLES, por meio de sua obra, *Filoctetes*, faz a todos nós nesta noite. E desde já eu digo: 'sentir juntamente com todos vocês o apelo que o autor nos faz à compaixão com a pessoa que emprestou o nome à obra, e que hoje poderíamos dizer: um apelo ao cuidado com todas as pessoas com necessidades especiais'.

Mas... qual a contribuição que esta reflexão pode trazer ao conjunto de debates sobre *A proteção legal das pessoas com deficiência física*? Tentarei dizer algo sobre isto em três tempos, ao final para concluir que antes de qualquer coisa – projetos de leis, programas sociais, projetos arquitetônicos... – devemos compreender que somos todos seres dependentes de cuidados, pelos quais a legislação hoje mais que nunca se vê interpelada: o primeiro para enquadrarmos a noção de 'cuidado com a pessoa humana' no contexto mais geral de uma 'ética do cuidado'; o segundo tempo para rememorarmos um pouco o enredo que esta importante obra nos traz e que faz dela uma das mais importantes tragédias gregas que nos foram legadas pela cultura clássica; e o terceiro para tentarmos reconhecer a nós mesmos, os nossos papéis, os nossos pecados e os nossos desafios dentro da trama literária que nesta noite me atrevo a comentar.

2. UMA ÉTICA DO CUIDADO? A NARRATIVA ROMANA DO ESCRAVO HIGINO E OS TRÊS DESAFIOS ATUAIS DO CUIDADO

Sabemos que o termo 'ética' tal como estamos acostumados a usar é uma construção dos gregos, tendo partido do seu significado original como *casa* ou a habitação animal e assimilado uma dimensão civilizacional ou humana quando passou a designar o conjunto de hábitos, valores e costumes de uma comunidade que permitem a convivência e a integração dos seus membros. E a ética pensada assim numa dimensão do cuidado convoca a todos os humanos, seguindo as lições de HEIDEGGER, a buscar compreender a nossa existência dentro dos limites da nossa incompletude e das exigências de cuidado de uns para com os outros.

E não é demais recontar a fábula de Higino e que nos ajuda a compreender o significado dessa visão ética: conta-se que Cuidado uma vez, passeando pela beira de um rio, teve uma idéia inspiradora: pegou um bolo de barro e deu a ele a forma humana, tendo ficado tão admirado com a sua obra que quando Júpiter veio à sua presença pediu a ele que animasse a sua criatura, no que foi atendido pelo rei dos deuses com um sopro de vida. Uma demanda se instaurou porque além dos dois, Terra também reclamava o direito de dar nome àquele ser, sendo Saturno chamado a decidir a questão que ficou assim arbitrada: 'como você, Terra, deu a matéria-prima da qual esse ser foi feito, receberá seu corpo de volta quando ela morrer; como você, Júpiter, deu espírito a esta criatura, receberá de volta a sua alma quando ela morrer; como você, Cuidado, teve a idéia da criação, cuidará dela enquanto ela viver; agora, como vós não entrais num acordo, dou eu mesmo um nome e se chamará Homem, que designará a sua identidade como húmus ou feito do barro do chão'.

Tenho insistido a partir daí que estamos hoje diante da emergência de um cuidado em escala planetária em três dimensões de responsabilidade implicadoras a saber: o cuidado com a *Polis*, cujas exigências apontam a necessidade de mudarmos nossas atitudes em relação à política atual, a qual normalmente nós deixamos sob a responsabilidade desassistida de

um corpo técnico que, por estar mais a serviço de vontades políticas muito reduzidas, não raramente acaba reproduzindo a arbitrariedade e o desvio da função pública para atender aos interesses particulares; o cuidado com a *Natureza*, em vista de medidas mais eficientes contra a ameaça real e cada vez mais crescente à sobrevivência humana na terra; e por fim o cuidado com a *Pessoa*, comprometido com o fim da exclusão social, com os direitos de proteção e promoção humanas cada vez mais afetadas nos últimos tempos e com o fim de todas as formas de sofrimento humano.

3. O INFORTÚNIO DE FILOCTETES E O TESTEMUNHO DA NOSSA VULNERABILIDADE COMUM

É no universo desta última responsabilidade que a narrativa de SÓFOCLES parece nos sugerir algo. Embora se possa colocar sempre em dúvida a abrangência do significado da pessoa no contexto ético-político em que o autor do *Filoctetes* viveu e que tinha a comunidade como referência e não o contrário, relevemos este detalhe para o objetivo que agora nos importa. É que trata-se de uma peça de teatro onde a trama gira em torno de três personagens principais: Filoctetes, um guerreiro experimentado que ganhou de Hércules, o deus grego que tem na mitologia romana a correspondência em Hércules, uma de suas flechas poderosas; Ulisses, rei de Ítaca que na guerra de Tróia ficou conhecido pela sua bravura e pela sua sagacidade; e Neoptólemo, um jovem guerreiro que foi escolhido dentre os outros por melhor servir àquele papel. Tudo começa na viagem para Tróia quando Filoctetes é picado por uma cobra venenosa que guardava o templo da ninfa Crise, sendo assim gravemente afetado por uma ferida que passou a ser para ele um motivo de muita dor e de muitas aflições futuras. É que seus companheiros de expedição, para se livrarem daquele ‘peso’ que não os deixava treinar para a luta nem descansar com seus gritos e gemidos, abandonaram-no à própria sorte na ilha de Lemnos enquanto dormia.

Ocorre que dez anos mais tarde, após uma consulta aos seus deuses,

os gregos ficaram sabendo que era impossível vencer aos troianos sem a flecha que fora dada a Filoctetes por Hércules, e é aí que novamente Ulisses, cheio de esperteza e descomprometimento com qualquer cuidado pela pessoa de Filoctetes, armou um plano maquiavélico para enganá-lo, tomar-lhe a flecha e trazê-la para alcançar a tão esperada vitória. Nesse plano Neoptólemo, um jovem ambicioso por glórias como qualquer outro dentre os guerreiros, é escolhido para executar a trapaça, considerando que obteria mais facilmente a confiança de Filoctetes por ser filho de seu antigo e venerado amigo Aquiles.

E é assim que se sucede, pois resistindo de início a agir daquela maneira, foi convencido por Ulisses ao argumento de que temos de fazer o que nos é exigido e não o que achamos certo ou errado; e Neoptólemo levou adiante aquela empreitada desonesta e disse falsamente a Filoctetes quando o encontrou que pretendia levá-lo de volta para sua terra natal e curar as suas feridas. Mas acontece que tendo levado a Filoctetes a esperança, que tendo alcançado dele a confiança que já tinha perdido no ser humano por causa daqueles dez anos de solidão e de injustiça, que tendo recebido dele a flecha que era dele também o único meio de vida, Neoptólemo é acometido de uma 'crise de consciência' que o leva a devolver a arma para o seu novo amigo, sendo nesse momento surpreendido pela chegada de Ulisses que lhe ameaça de punição por desobediência aos exércitos gregos. Depois de salvar Ulisses da seta que Filoctetes iria disparar contra ele e depois de com este aceitar os conselhos de Hércules, Neoptólemo cumpre a sua promessa de conduzir Filoctetes à sua pátria, não sem antes passarem por Tróia, ver curada as chagas de seu novo amigo e de participarem decisivamente da tomada da cidade.

4. FRAGILIDADES HUMANAS E DIREITO: A NECESSIDADE DE LEVAR A SÉRIO OS DIREITOS HUMANOS

Ora, sendo esta então uma belíssima narrativa e com cerca de dois mil

e quinhentos anos, qual a mensagem ética que a mesma pode nos imprimir nestes dias de reflexão sobre a proteção legal das pessoas ditas 'com deficiência física'? Olhando para o exemplo de Neoptólemo, deveríamos nos compadecer de Filoctetes somente por causa das suas chagas ou por ver nele um outro rosto, um outro humano a nos interpelar e exigir de nós uma postura respeitosa para com todos os humanos? É que sendo o direito aqueles cânones morais que os membros de uma comunidade partilham entre si, com a obrigação recíproca de cumpri-las, a ética embora não dispondo desse cumprimento obrigatório tem um sentido mais radical na medida em que nos interpela para outras obrigações sem exigência de uma contraprestação, tal como o pai do filho pródigo age mesmo sabendo que do ponto de vista do direito nada mais tinha obrigação de fazer. A legislação, então, mais tem a ouvir da ética, pois já nem se confundindo com o direito, é dele apenas um dos instrumentos dentre tantos outros com os quais os profissionais do direito lidam no dia-a-dia das suas atividades. Em síntese, se a lei de proteção às 'pessoas com deficiência física' é aquele instrumento que em um certo momento o legislador deu conta de fazer..., se o direito é aquilo que verdadeiramente devemos uns aos outros inclusive quando a lei não tenha sido suficientemente feliz e o aplicador tem a obrigação de completar..., a ética é a exigência de sermos bons, de sermos melhores, tendo assim alguma coisa e muita coisa a dizer sobre a edificação do próprio homem.

Enquanto olhamos para a obra de SÓFOCLES devemos nos perguntar qual tipo de papel desempenhamos nesta peça. Ora, a figura de Filoctetes pode muito bem ser reconhecida naqueles a quem este seminário se dirige, pois sendo eles pessoas 'necessitadas de cuidados especiais' não constituem propriamente um estorvo para nós como o nosso herói grego foi tratado pelos seus companheiros. E se pensarmos tal falta de cuidado numa dimensão mais ampla vamos encontrar essa atitude abominável dentro das nossas próprias casas, uma vez que também ser natural que os idosos e os doentes se vejam acometidos de uma redução de suas habilidades físicas e psicológicas para o desempenho de suas atividades; não é por outro motivo

senão a nossa falta de cuidados que não raramente vemos estes ficarem parados nos pontos do ônibus porque o motorista não quer atrasar a sua viagem; também não é por outro motivo que existem os asilos ou que leis ainda seja absurdamente necessárias para estabelecer cotas mínimas de vagas de trabalho ou para obrigar a adaptação dos prédios, meios de transporte, etc., para os 'deficientes'.

É significativo perguntarmos a nós mesmos quantas vezes agimos como Ulisses, esquecendo de ver em nosso semelhante uma outra pessoa e tratando a eles como 'coisas', como trampolim para subirmos na vida e para alcançar os fins que elegemos como convenientes aos nossos interesses, tudo isto ao arpejo do imperativo kantiano de tratar 'todo ser humano como fim em si mesmo e não como meio'. Outra não é a atitude vil do esperto rei de Ítaca, que no afã de vencer a guerra contra os troianos, não reconheceu qualquer escrúpulo ao querer utilizar Filoctetes como um instrumento, como uma ferramenta para vencer a sua batalha; 'os fins justificariam os meios', diria Ulisses com MAQUIAVEL, já que durante dez anos de guerra nem nos deuses era possível confiar, e o importante mesmo não era a lealdade, a reparação da falta para com um amigo que injustamente foi abandonado, mas era tomar-lhe a flecha, arditamente, já que tinha certeza de que a via argumentativa seria insuficiente para desfazer tamanha brutalidade. Esse tipo de política onde tudo é válido desde que renda os frutos esperados vemos também presente no descuido para com os doentes, estes também tratados como coisas nas filas do SUS ou como investimento em futuras ações eleitoreiras.

Outra atitude podemos exigir de nós mesmos e temos a obrigação de fazê-lo, sob pena de perdermos a oportunidade de recuperarmos a nossa humanidade quase corrompida pelo interesse e pela pressa. É que para além das teorias éticas e das diversas tentativas de compreender a natureza humana, para nós já bastaria tomarmos consciência daquilo que parece nos fazer verdadeiramente humanos: a consciência da nossa finitude e da possibilidade de uma inversão de papéis, tudo a descambar numa exigência mútua de solidariedade de uns para com os outros. É que

a experiência civilizacional tem nos mostrado que a superioridade que costumamos exibir não passa de arrogância e de pretensão, já que somos todos, indesculpavelmente, seres dependentes de cuidados. Por qual motivo? Porque a maior parte de nossa vida estamos sujeitos aos cuidados das outras pessoas: quando somos crianças, quando estamos doentes, quando atingimos uma idade mais avançada, e até mesmo quando estamos apaixonados!, nossa vida é guiada pelas mãos dos outros. Este mundo que padronizamos sob a idéia da destreza física, da razão e da linguagem não passa de uma fantasia que cai por terra na primeira experiência mal-sucedida que vivenciamos.

Essa compreensão da finitude e esse colocar-se no lugar do outro vemos bem resolvido em Neoptólemo. Vejam que inicialmente ele já recusava servir àquela operação desleal e desumana, e embora vencido pela retórica de Ulisses, ouve o apelo de Filoctetes ao testemunhar tamanho sofrimento, este 'justificado' apenas pela ambição de seus companheiros que não se exitaram em considerar a guerra como um fim que deveria ser alcançado ainda que para isto vidas humanas e a fidelidade aos amigos pricisassem ser sacrificadas. Foi somente assim que o jovem filho de Aquiles conseguiu se redimir do erro que cometeu, possivelmente colocando-se no lugar de Filoctetes para compreender qual a atitude que teria se estivesse cumprindo um outro papel naquela história, especialmente o que estaria sentindo e o que gostaria que os outros lhe fizessem se estivesse ocupando o papel de Filoctetes. Não descartou certamente a possibilidade de ter sido ele a vítima daquela serpente que fez com que Filoctetes passasse de um guerreiro bem-sucedido a um ser dependente de cuidados.

5. A CONCLUSÃO

Para terminar, não esqueçamos o papel da educação diante da construção dessa verdadeira mudança de comportamentos que a 'ética do cuidado' põe a nos exigir. Estamos diante de uma questão cultural que

devemos enfrentar, não esquecendo que muito mais que de leis precisamos de humanidade, posto que sua falta permitirá que aqueles que aplicam a lei se desvirtuem de seus fins e a distorçam para o cumprimento de seus próprios interesses. Precisamos deste modo de aprender e de ensinar às nossas crianças que os ‘monstros’ que supomos ver nos outros não passam de pessoas diferentes nas suas habilidades, mas iguais na humanidade que partilhamos uns com os outros, e talvez assim o exemplo de Cascão e Cebolinha no episódio do *Bicho Papão* seja a melhor lição.

Muito obrigado a todos pela paciência de me ouvirem”.